

ESTUDOS GRAMATICAIIS: A GRAMÁTICA PADRÃO E AS VARIACÕES LINGÜÍSTICAS EM SALA DE AULA

Alexandre Cezar da Silva

RESUMO: O presente trabalho objetiva apresentar um breve estudo sobre a relação da “gramática padrão” e a variação lingüística em sala de aula, compreende-se que há muitos obstáculos e divergências para torna essa relação menos hostil, e por sua vez não se transforme em preconceito e estigmas. Nessa perspectiva demos ênfase ao trabalho do professor destacando os docentes do Col. Municipal Luis Candido de Oliveira em Ocara-CE.

PALAVRAS – CHAVES: Estudos gramaticais, preconceito lingüístico, sala de aula

ABSTRACT: This paper aims to present a brief study on the relationship of "standard grammar" and language variation in the classroom, it is understood that there are many obstacles and differences for this relationship becomes less hostile, and in turn does not become prejudice and stigmas. In this perspective we emphasize the teacher's work highlighting teachers Col. Municipal Luis Candido de Oliveira in Ocara – CE.

KEY - WORDS: Studies grammatical, linguistic bias, classroom.

Introdução:

O universo do conhecimento é cada vez mais incomportável para a memória humana, daí a necessidade de se registrar e armazenar todo esse novo acervo de vivências que surgem. A escrita, marco maior da vitória do homem sobre esta “limitação”, constitui-se assim como algo imprescindível para a existência e manutenção da sociedade com a conhecemos. Desta forma, é praticamente obrigatório para um ser de atuação social, conhecedor de seus direitos e deveres ter domínio sobre a leitura e a escrita. Daí a relevância da escola, compreendida como um meio de inserção social.

Desde sua entrada no âmbito escolar, o aluno passa a se deparar com a língua em sua modalidade escrita, por esse motivo é imperioso que o professor desenvolva atividades que visem criar não só decodificadores, mais discentes capazes de interagir com o texto, pois somente desta forma acreditamos ser possível criar indivíduos conscientes da realidade em que estão inseridos e aptos a interagir com a mesma.

Um dos principais obstáculos para isso encontra-se na própria língua, ou melhor, no léxico a qual a compõe. É impossível para qualquer indivíduo, por mais instruído que seja, conhecer todo o léxico de uma língua, pois em compasso com as pessoas que usufruem dele esse tende a evoluir, e se moldar para assim dar vazão aos problemas de comunicação de seus usuários, da mesma forma a sintaxe de uma língua, ou seja, a forma dessa se organizar para expressar determinadas idéias também tende a mudar, tende-se a se buscar uma maior economia no que tange a língua falada.

É válido destacar que todos os alunos que adentram na escola já trazem consigo um léxico e uma sintaxe própria, do local onde moram, do grupo social que fazem parte, da faixa etária e nível de escolaridade de pais e responsáveis, tudo isso está ligado ao patrimônio imaterial de cada indivíduo (BOTONI-RICARDO: 2009).

A criança, ou jovem ao adentrar na escola se depara com outra variação lingüística, uma variação tida como culta, a qual está presente em documentos oficiais, é válido destacar que a variação culta da língua é marcada pela escrita. Essa a escrita na concepção de Anastácio (2000, p.25) configura-se como um fóssil da linguagem oral, tendo a escrita uma transformação muito mais lenta do que a oralidade. Se a oralidade com sua dinâmica e versatilidade tende a mudar rapidamente, sendo que esse fenômeno está cada vez mais ganhando velocidade, a escrita com suas formas fixas e rígidas, tende a retratar um pequeno espectro do léxico e da sintaxe de outrora.

Por esse motivo acreditamos ser de extrema importância as pesquisas que estudem a inter relação entre as diversas variações lingüísticas presentes em sala de aula e ação pedagógica do professor de língua portuguesa, buscaremos ainda investigar, como o livro didático aborda a questão da multiplicidade das variações lingüística e se esse fenômeno é observado no que tange os estudos gramaticais.

Breve histórico dos estudos gramaticais

O termo Gramática vem do grego (*/γραμματικ/ /grammatiké/*, e diz respeito ao conjunto de regras individuais usadas para um determinado uso de uma língua, não somente da norma culta, mas também de variantes não padrão. Constitui-se ainda como um ramo da lingüística que tem por objetivo estudar a forma, a composição e todas as questões adicionais

de uma determinada Língua. A partir deste conceito, pode-se definir que cada língua tem sua própria gramática, mas nem toda língua tem sua própria lingüística. A lingüística é única para todas as línguas existentes, já a gramática é única para cada língua. Normalmente o conceito de gramática não inclui a ortografia. (CARMO: 2007)

O estudo da gramática surge com os gregos, ainda de forma filosófica, baseada na lógica, desprovida de qualquer razão científica e desinteressada da própria língua. A discussão sobre o ensino da língua materna na sala de aula é algo que se desenrola em tempos longínquos.

O processo de ensino/aprendizagem da gramática está levando muitos profissionais da área a estudos e pesquisas contínuas, mas que ainda não diagnosticaram a realidade local. “O ensino da língua materna desde os gregos e romanos, passando pela idade Média e Renascimento até chegar a nossos dias sempre se confundiu com o aprendizado da gramática escolástica. É o ramo da Lingüística que tem por objetivo estudar a forma, a composição e todas as questões adicionais de uma determinada Língua. A partir deste conceito, pode-se definir que cada língua tem sua própria gramática, mas nem toda língua tem sua própria lingüística. A lingüística é única para todas as línguas existentes, já a gramática é única para cada língua. Normalmente o conceito de gramática não inclui a ortografia. (CARMO: 2007)

A questão do “erro” na aula de português.

Segundo Bagno (2009, p. 28) salvo por patologias o erro nada mais é do que uma possibilidade evolutiva da língua, ainda segundo o mesmo autor se, na visão da gramática normativa, deixar de fazer uma flexão plural ou apor uma vírgula entre o sujeito e o predicado constituem crimes inafiançáveis, na perspectiva da lingüística nada disso faz muito sentido.

A língua evolui normalmente através de processos fonológicos, sendo estes especialmente importantes para o estudo das Histórias das Línguas. Contudo, as línguas também sofrem certas evoluções naturais no dia-a-dia, evoluções essas que distinguem a oralidade da escrita sem, contudo, terem real impacto na "gramática" dessa mesma língua. Esta evolução diária nem sempre é duradoura, e normalmente os processos que ocorrem vão variando ao longo do tempo. Infelizmente muitos educadores ficam presos a concepções ditas arcaicas em um contexto histórico que não leva em conta o fato da língua evoluir partindo da oralidade, e que essa evolução é algo natural, que faz parte do ciclo natural da língua.

A escola enquanto parte integrante e viva da sociedade, não pode exercer uma postura arbitrária e que encabece algum tipo de preconceito. Segundo Sousa (2008) o uso da língua em suas múltiplas variáveis deve ser algo constante defendido e estimulado dentro das salas de aula, principalmente no repasse das normas padrões da língua. Carmo (2007) prossegue realçando que muitos educadores e lingüistas têm definido fervorosa e enfaticamente a utilização do texto no ensino da língua. As atividades de leitura e produções textual tem ocupado espaço nas aulas de português, porém ainda de maneira tímida. No entanto, ninguém pode discordar de que a prática textual deve ser o eixo norteador do ensino da gramática da Língua Portuguesa.

Bechara nos lembra que não é possível tomar como unidade básica do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos –letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases- que, descontextualizado, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser texto. É necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Carmo (2007) lembra que:

Antes dos anos 90 o texto não era visto como processo, o leitor não era tratado como co-autor, o aluno, produtor, era mero escriba, a gramática vinha descontextualizada e repleta de regras. Essa realidade ainda se repete em algumas escolas. Embora notória a necessidade de que o ensino da gramática contextualizada seja exercido de forma contínua desde as séries de base, para que se obtenha resultados mais promissores, muitas ainda são as divergências. Alguns ainda defendem o ensino sistemático, contextualizações e utilizam “textos” apenas como pretextos para análises metalingüísticas tradicionais. Cresce, no entanto, de professores que, conscientes de que o estudo da gramática deve habilitar os alunos a usarem adequadamente os recursos lingüísticos, têm enfatizado abordagens diferentes das tradições.

Nessa perspectiva e em desacordo com o pensamento de alguns, saber usar a língua (e a linguagem) não se reduz ao saber nomenclaturas gramaticais, para a maioria dos usuários da língua é mais importante saber usá-la – em situação discursiva – do que dominar suas partes (classes gramaticais). Nessa perspectiva nos vem um questionamento a ser explorado como o professor de português da rede pública municipal está lidando com os estudos gramaticais em

seu fazer pedagógico? O conhecimento articulado da gramática proporciona maiores êxitos discursivos, mas isso não acontece se for utilizado fora de uma estrutura textual.

Na concepção de Antunes (2003, p.54) acreditamos que, se deixarmos de dividir essas duas partes em gramatical e textual, como se fossem coisas distintas e estivermos convencidos de que texto é apenas um resultado da aplicação da gramática da língua em seus múltiplos planos e níveis, que texto é a gramática da língua em funcionamento para comunicar por meio da produção de efeitos de sentido, deixaremos de ter no ensino de língua materna a atividade, pode –se dizer, perniciosa de achar que gramática e texto são coisas distintas e que têm de ser tratados separadamente por terem pouca ou nenhuma relação entre si. Tal atitude tem prejudicado o trabalho em sala de aula e criado a síndrome da incompetência que leva tantos falantes de português a dizerem “não sei português.”

A língua portuguesa é apresentada como uma área de mudanças, no que se refere ao ensino, no passado tinha seus conteúdos cheios e tradicionalismo e nos dias atuais tem uma visão voltada a um questionamento de regras e comportamentos lingüísticos. As questões dedicadas ao saber gramatical vão dando lugar às questões centradas na capacidade de ler, escrever e refletir sobre a linguagem.

Objeto e a pesquisa.

As pesquisas nas áreas da lingüística e lingüística aplicada têm cada vez mais trazido contribuições para o “estudo” da língua em suas diversas modalidades e usos, essas contribuições se concentram em boa parte na sala de aula. O estudo critico do ensino da gramática e de como o professor lida com a diversidade lingüística em sala de aula é uma forma de contribuir sobre a maneira como o ensino se desenrola em todos os suas faces.

Nossa proposta, nesse trabalho, é estudar as relações do professor com as variações lingüísticas em contraste com a variação padrão que domina nossa sala de aula. O trabalho de pesquisa que efetuamos, nesse artigo, foram balizado em nossa base teórica e ocorreram em três momentos interligados, sendo que no primeiro momento fizemos o levantamento e a seleção bibliográfica.

No segundo momento, tendo em vista uma completa delimitação do tema e os objetivos desejados, procedemos com o levantamento dos dados. Para efetivar nossa pesquisa trabalhamos, elaboramos e aplicamos um questionário, embasado em nosso referencial teórico, aos professores do segundo ciclo do ensino fundamental da Escola Luis Candido de

Oliveira, situada na sede do município de Ocara, mas que recebe aluno da sede e circunvizinhanças.

Esse questionário extraiu dos sujeitos de nossa pesquisa, o trato e impressões dos mesmos com relações as variações lingüísticas e a diversidade cultural de nossos alunos. O terceiro momento de nosso estudo constituiu-se da análise do material levantado e da elaboração da redação do trabalho, sempre tendo em vista nossa base teórica. Nossa redação é composta de capítulos interligados, onde esperamos que esteja contido todo entusiasmo de nosso trabalho.

Tendo em voga a relevância de nossa pesquisa, pretendemos continuar nossa pesquisa mesmo com a redação final do presente artigo e sugerimos a outros profissionais que busquem pesquisar esse assunto relevante, a fim de que novas descobertas possam ajudando a uma melhor capacitação dos docentes para a vida escolar.

Análise e apresentação de dados.

Nosso questionário foi repassado a todos os professores de português do segundo ciclo do ensino fundamental da escola Luis Candido de Oliveira, total de 06 professores. Sendo que esse era composto por um cabeçalho¹, além de perguntas pessoais como nome, idade, formação, quantos anos leciona. Seguiu-se a esse 06 perguntas dissertativas.

01. Você identifica em sua sala de aula a presença de variações lingüísticas?

Todos os nossos sujeitos 100% foram unânimes em dizer que existe uma grande variação dentro das salas de aula que trabalham. Esse dado vem reafirmar a grande diversidade que é a nossa sala de aula, infelizmente como nos lembra Silva (2008) à sala de aula ainda é vista como um ambiente homogêneo em que todos os indivíduos tem as mesmas preferências os mesmos estímulos, esse mito é por sua vez fruto de uma ideologia ainda maior

¹ Caro Professor (a)

Você esta sendo convidado a participar de uma pesquisa sobre o uso do dicionário em sala de aula. Lembramos que seus dados serão mantidos no mais completo sigilo. Desde já agradecemos a sua atenção.

* Valor aproximado

e ainda mais letal, a de que o mundo é igual e dar possibilidades iguais a todos e que as diferenças são fruto de esforço próprio e talvez por obra do acaso e sorte.

02. Como você lida com a diversidade lingüística em sala de aula?

Todos os entrevistados foram categóricos em afirmar, que encontram dificuldade em trabalhar em sala de aula com a questão da diversidade lingüística, entretanto compreendem o potencial da diversidade lingüística e cultural.

Sujeito A “Nossos alunos trazem de casa uma carga lingüística e cultural, que muitas vezes se chocam com aquilo que é repassado nos livros didáticos(...)”. Sujeito B Vivemos em uma sociedade plural, em cultura e linguagem, com base nisso não podemos ficar restrito a uma autoritária, devemos nos balizar nessa pluralidade para construirmos, uma ação pedagógica dinâmica e mais eficiente. Os sujeitos C e D enfatizaram as dificuldades encontradas, mais resultaram que uma aula com base nas vivencia e na multiplicidade lingüística torna-se mais atraente e participativa. Os sujeitos E e F informaram que é comum encontrar divergências entre aquilo que é repassado nos livro e o que compõem a realidade lingüística de nossos discentes.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS – língua português) reconhecem e afirmam as múltiplas variações da língua e recomendam que os professores sempre devem partir daquilo que é do conhecimento do aluno, na sua base histórica, social e lingüística para assim chegarmos quilo que é exterior a ele, no caso a variação padrão.

Silva (2008) em seu turno lembra que o aluno não é uma tabula rasa, que trazem de seu berço, seu lar, seu meio de convívio todo um arcabouço teórico, pois, uma criança não aprende a língua em uma sala de aula, mais sim em seu meio através da observação, assimilação e repetição do léxico do meio em que vive e através da ousadia de ir compondo através de regras, também “descobertas” e/ou adaptadas ir compondo sentenças representativas, que aos poucos vão se tornando mais elaboradas, permitindo que eles interajam cada vez mais com o meio que os cerca.

Ao adentrarem no mundo escolar os alunos já trazem consigo todo esse conjunto de informações idiomáticas, que muitas vezes vão ser interpretadas ou taxadas de erradas, havendo um grande estímulo para que esses sujeitos abandonem essa linguagem sua.

03. Na sua opinião o uso de instrumentos didáticos como o dicionário e a gramática melhoram a compreensão leitora dos alunos? Justifique sua resposta?

Todos os nossos entrevistados, 100%, foram unânimes em dizer que sim: o dicionário e a gramática são importantes instrumentos de ensino aprendizagem (A). Apesar de ser usado muitas vezes somente para consulta e não para ser lido. Pois as potencialidades do dicionário e da gramática são riquíssimas e variadas (B). Sim, porque ao utilizar o dicionário o aluno adquire mais conhecimento tanto vocabular quanto semântico dos vocábulos estudados (C). Todas as respostas condizem com o que afirma nosso referencial teórico, (Cleofas: 2003; p.08) *“o uso do dicionário e da gramática é fundamental na trajetória discente, pois permite que seu usuário adquira habilidades e competências capazes de auxiliá-lo durante sua vida estudantil”*.

04. Você já elaborou procedimentos e atividades que visem incentivar o uso do dicionário e da gramática por parte de seus alunos: () Sim () Não.

Todos os sujeitos de nossa pesquisa, 100%, foram unânimes em afirmar que sim, já elaboraram procedimentos que visem o incentivo do uso desses instrumentos pedagógicos. Na concepção de nosso referencial teórico esse incentivo é fundamental, não só para levar o aluno a conhecer melhor esse instrumento, mas para capacitar o cidadão a interagir melhor com seus pares. Se cada língua é uma nova forma de ver o mundo o dicionário e a gramática são um pequeno retrato desse, com seus temores, sonhos e ideais.

05. Você já encontrou em sua sala de aula algum tipo de preconceito por parte dos alunos, no que diz respeito a diversidade lingüística (preconceito lingüístico) em sala de aula? Em caso de respostas positiva quais? () Sim () Não

33,3%* dos professores entrevistados nunca presenciaram nenhum tipo de preconceito lingüístico. O restante dos sujeitos de nossa pesquisa, 66,6%* já encontraram em suas salas de aula algum tipo de preconceito: (D) *“Os alunos dizem que já sabem as palavras , mas eles não tem uma boa bagagem vocabular. Eles não entendem que quanto ler mais estão evoluindo culturalmente”*. *“Já ouvi em minha sala alguém chamar outro colega de matuto por causa do seu vocabulário, o que me levou a interferir”* (E).

“Infelizmente, já notei na sala de aula, em que trabalho, alguns tipo de discriminação para com alunos ou parentes desse que falam de uma maneira não padrão, sempre busquei levar meus alunos a compreender que a língua é algo vivo, que se transforma e que todos nos podemos nos expressar e ser compreendidos do nosso jeito” (C); *“já notei, alguma vezes, uma certa relutância a respeito do uso do dicionário, por parte de alguns alunos, o que me levou a formular algumas estratégia de incentivo para a consulta do mesmo* (F).

Infelizmente, é notada a presença de preconceitos em torno da variação lingüística no âmbito escolar. Suas causas são bastante profundas. Infelizmente em nossa pesquisa não foi possível buscar suas origens e conseqüências ao longo da vida estudantil, mas acreditamos que essas geram danos irreparáveis a proficiência e ao aprendizado de nossos discentes. Em nossa pesquisa, os professores registraram terem cuidado com relação ao preconceito lingüístico o que é bom exemplo e merece ser seguido.

06. Como você lida com o “erro” de português, nos trabalhos dos alunos?

As respostas dos nossos sujeitos foram muito semelhante, 100% enfatizaram que buscam trabalhar os “erros”, como algo inexistente dentro do português, que na verdade isso que se denomina “erro”, nada mais é do que uma possibilidade da língua, ou seja, uma variação completamente plausível da língua, mas que por não haver uma aceitação massiva dessa essa, ou por não ter sido originada em um grupo privilegiado essa perspectiva acaba sendo deixada em um segundo plano ou sendo taxada de errada.

Com base em nosso referencial teórico compreendemos que essa afirmativa é coerente, pois as variantes da língua, são possibilidades que por não provirem de uma dada elite desfavorecida economicamente, acabam sendo discriminados lingüística e culturalmente, contudo compreendemos que essa ação nas falas de Silva (2008) resulta em uma busca da continua manutenção da sociedade com suas desigualdades.

A cultura do erro nada mais é do que a cultura da negação de valores, idéias e preceitos diferentes que tornam nossa sociedade viva, dinâmica e plural, com isso busca-se a massificação das classes e o domínio cada vez mais fácil e forte por parte de uma dada elite.

Considerações finais

Os dados levantados nos levam a um consenso, de que mesmo com as pesquisas em torna das variações lingüísticas em sala de aula, a presença desses ainda é vista com desconfiança. O que gera dúvidas e estigmas, compreendemos com base nisso que os estudos gramáticas são indispensáveis para a ampliação do léxico e dos modos de organizar esses permitindo assim que eles tenham uma maior desenvoltura e consigam dialogar em pé de igualdade com a sociedade em geral.

É valido destacar que quanto mais se amplia a capacidade leitora e interpretativa dos vários sujeitos, mas nos aproximamos da emancipação desses, é imperioso que qualquer um tenha de forma apurada e real a capacidade de leitura e interpretação do mundo, que saiba

compreender aquilo que o rodeia e saiba defender seu ponto de vista e do outro em busca do desenvolvimento da coletividade.

Com base no que foi exposto e defendido aqui, compreendemos que é algo imperioso e indispensável trabalhar com a variação lingüística e com a gramática, entretanto isso também é algo bastante complexo. Não há formulas prontas cada realidade escolar é única, mas não temos dúvidas de que uma educação de verdadeiramente voltada para a emancipação humana, passa por uma valorização desse sujeito enquanto sujeito histórico e cultural, que faz parte de um todo, mas ao mesmo tempo é único.

Bibliografia:

BRASIL, República Federativa. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.** Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Publicado no DOU em 23 de dezembro de 1996. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de dezembro de 2012.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** Brasília: MEC/SEF, 1997. 130 p.

BOTONI-RICARDO, Stella Maris . **Por que ensinar variação lingüística em sala de aula?** Disponível em <http://www.stellabortoni.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3124:por-que-ensinar-variacao-linguistica-em-sala-de-aula&catid=45:blog&Itemid=1>. Acesso em 18 de março de 2013.

ANASTÁCIO, Luis Carlos. **Compreendendo a língua.** Disponível em: <http://petpedagogia.blogspot.com.br/2010/compreendendo_a_lingua.html>. Acesso em 18 de março de 2013.

CARMO, Otacílio, **O Ensino da Gramática em Sala de Aula.** Disponível em <<http://www.artigos.etc.br/o-ensino-da-gramatica-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em 18 de março de 2013.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo. Parábola. 2003.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 11 Ed. São Paulo: Ática, 2000.

SILVA, Alexandre Cezar da. **O uso do dicionário nas salas de aula de Ocara**. Ocara: 2008. 25; Artigo apresentado como requisito obrigatório para obtenção de título de licenciado em letras: FECLESC/ UECE.

SOUSA, Maria de Cleofas Silva. Metodologia do trabalho pedagógico, estudo de casos. Fortaleza, 2005. 62. Monografia apresentada para obtenção de título de especialista: pró-reitoria de pós-graduação e pesquisa, Universidade Estadual do Ceará.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 21ª ed. São Paulo: 21ª edição, Loyola, 1999.